

Litteræ Minister Generalis
Ordinis Fratrum Minorum

**SOLLEMNITAS
NATIVITATIS
DOMINI NOSTRI
JESU CHRISTI
2009**



O Verbo de Deus se fez Carne

Evangelho do Pai chamado a ser restituído

Caros Irmãos,
o Senhor vos dê paz!

VIII centenário da fundação da Ordem

Está para terminar o ano jubilar no qual celebramos os 800 anos da fundação da nossa Ordem, com a aprovação, por parte do senhor Papa, da *forma vitae* evangélica que o Altíssimo revelou a Francisco, e que o *Poverelo* tinha feito escrever com poucas e simples palavras (cf. Test 14,15). Ao concluir as celebrações, queremos, mais uma vez, louvar e bendizer o Altíssimo, Onipotente e bom Senhor, pelo dom de Francisco à Igreja e ao mundo, e pelo dom de tantos irmãos e irmãs que durante este tempo, seguindo a inspiração do Senhor (cf. RnB 2,1), tem vivido em fidelidade criativa e alegre a forma de vida que nosso seráfico Pai nos transmitiu. Entre todos eles emerge a figura de Clara, a *Plantinha* de Francisco.

As celebrações do oitavo centenário da fundação da Ordem dos Frades Menores iniciaram com um insistente convite à refundação, ou seja, um apelo a voltar ao essencial, aos fundamentos do nosso carisma; a retornar às raízes da nossa espiritualidade; e, ao mesmo tempo, a reconhecer, ler e interpretar, à luz do Evangelho, os sinais dos tempos: “lampejos de luz presentes na noite obscura dos povos, faróis geradores de esperança” (O Senhor te dê a paz = *Sdp* 6), “apelos que o Espírito nos lança e que pedem resposta” (Portadores do dom do Evangelho = *PdE* 14)).

Então ressoou forte em nossos corações o premente apelo a “nacer de novo (Jo 3,3), a não domesticar as palavras proféticas do Evangelho para adaptá-las a um estilo de vida cômodo (*Sdp* 2), porque só assim poderemos nutrir a partir de dentro, com a força libertadora do Evangelho, o nosso mundo fragmentado, desigual e faminto de sentido, assim como fizeram no seu tempo Francisco e Clara de Assis (*Sdp* 2), sendo nós mesmos sinais legíveis de vida para um mundo sedento de céus novos e terra nova” (*Sdp* 7). Este mesmo chamado à conversão continua a nos acompanhar hoje no nosso caminho, como exigência para dar à luz uma nova época, e forjar uma nova visão da vida, cimentada sobre a justiça, o amor e a paz (cf. *Sdp* 2).

Evoltando ao essencial, às nossas raízes e fundamentos, nos encontramos com o Evangelho. Não podia

ser diversamente, visto que a nossa Fraternidade é enraizada, tem sua origem na escuta do Evangelho e, portanto, em Cristo que nos fala através dele (cf. *PdE* 6). Fazendo grata memória do nosso passado tomamos maior consciência do fato que, para degustar a graça das origens, viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança (cf. Novo Millennio Ineunte, 1), objetivos últimos das celebrações jubilares, era necessário tornar ao Evangelho, colocar Cristo no centro das nossas vidas. Somente assim a nossa vida poderá recuperar a beleza, a poesia e o entusiasmo das origens.

Intuímos também o caminho que, além de reconduzir-nos ao essencial da nossa experiência de fé e da nossa espiritualidade, nos levasse a responder às exigências mais profundas da nossa sociedade. Indicamos este caminho com três palavras: *centrar-se*, *concentrar-se* e *descentrar-se*. *Centrar-se* nAquele que para nós deve ser tudo: o bem, todo o bem, o sumo bem, como o foi para Francisco (cf. *LD* 4). Daí que ter o coração constantemente voltado para o Senhor (cf. *RnB* 22,19), se apresentava e continua a apresentar-se a nós como a *prioridade das prioridades*. Livrar-nos de todo o tipo de impedimento e deixar de lado toda a preocupação, para poder servir, amar e honrar o Senhor Deus, com coração e mente puros (cf. *RnB* 22,26), nos parecia e nos parece ser o grande desafio neste momento em que o ativismo, também apostólico, se apresenta como uma fuga que busca, inutilmente, preencher o vazio de Deus na própria existência. *Concentrar-se* nos elementos essenciais do nosso carisma, com a finalidade de evitar a fragmentação e a dispersão, que tantas vezes nos atinge. E estes elementos essenciais os individualizamos nas assim chamadas *Prioridades* que nos acompanham desde o Capítulo de 1997 como chave de leitura para viver a nossa identidade e parar compreender as esperanças do mundo” (*Sdp* 4), e que, por vontade do Capítulo de Pentecostes de 2009, continuarão a acompanhar-nos neste sexênio (cf. Decisões 1). Estas *Prioridades* –espírito de oração, vida fraterna em comunidade, minoridade, pobreza e solidariedade, evangelização e formação -, não são valores opcionais, mas valores que nos identificam como Frades Menores, pilares da nossa fidelidade ao Evangelho, consequência de uma vida radicalmente evangélica, assim como a viveu Francisco e a propôs a nós no seu *propósito de vida*. *Descentrar-se* para ir ao mundo, nosso claustro, e ali, *inter-gentes*, proclamar que somente Ele



é onipotente (cf. *Ord*, 9). Hoje, mais do que nunca, somos conscientes de que não fomos chamados para nós mesmos, mas para os outros, e que as nossas Fraternidades não são para si mesmas, mas para fazer conhecer o Reino de Deus. Somos e queremos continuar a ser os *frades do povo* e por isso devemos sair pelas estradas do mundo como *portadores do dom do Evangelho*.

Diante do futuro

Tendo assumido a nossa total pertença ao Senhor – centrar-se -, e a nossa identidade de Frades Menores – concentrar-se -, é agora o momento de ir por todo o mundo – descentrar-se -, sempre inter gentes, porém também ad gentes, para levar, com a nossa vida e a nossa palavra, a Boa Notícia a todos os homens e mulheres de boa vontade.

O Capítulo geral de 2009, no seu documento final *Portadores do dom do Evangelho*, nos pensa e define precisamente assim: “caminhando pelas estradas do mundo como irmãos menores evangelizadores, com o coração voltado ao Senhor” (*PdE* 10). Eis aqui o nosso programa para um presente cheio de paixão pelo Reino e para um futuro com esperança: reviver o carisma, dinamizando a missão. Eis o nosso compromisso para estes próximos anos: reavivar em nós o ardor missionário e evangelizador, para *restituir o dom do Evangelho*, dentro dos limites geográficos dos nossos povos, mas, se agradar a Deus, até os confins da terra.

Sim, conscientes de que o “Evangelho é um dom destinado a ser partilhado”, somos chamados a ir pelas estradas do mundo, *atravesando as fronteiras*, os limites geográficos e culturais, “para fazer uma oferta de fé mediante um testemunho compartilhado” (*PdE* 11) com todos os outros agentes da evangelização: sacerdotes, religiosos/as e leigos/as. Partimos sempre da “centralidade devida ao Deus trino, como princípio integrador da nossa vida, das nossas fraternidades e dos nossos irmãos”, porque somente desde esse pressuposto de fé, poderemos entender que a missão evangelizadora é essencialmente intrínseca à nossa vocação franciscana (cf *PdE* 12). Nenhuma barreira pode deter aquele que foi tocado pelo dinamismo do Evangelho.

Esse contínuo esforço para *atravessar fronteiras* nos permitirá habitar as fissuras de um mundo fragmentado, caracterizado muitas vezes pelas “discriminações, pelas exclusões e, em casos extremos, pela violência física, psíquica e ideológica” (*PdE* 22). A

nossa história é uma história de inculturação e de encarnação, especialmente entre as pessoas menos afortunadas. A partir da nossa identidade franciscana, reconhecemos a urgência de “deixar-nos seduzir pelos claustros esquecidos e desumanos, onde a beleza e a dignidade da pessoa são continuamente ofuscadas” (*Sdp* 37), a necessidade de descobrir com maior decisão “lugares de fronteira e marginalidade” (O Senhor fala-nos no caminho = *Sfc* 33), e nesses, segundo a *lógica do dom* e do serviço gratuito, com criatividade e fantasia, *restituir o dom do Evangelho* aos pobres, nossos mestres (cf. João Paulo II *Mensagem* 8/2/2004). Com esses princípios, e tendo presente os desafios que encontramos pela frente, é que somos chamados a encaminhar uma séria revisão da nossa missão evangelizadora, e ensaiar, com lucidez e audácia, caminhos inéditos de presença e testemunho (cf. *Sfc* 33.35).

Devemos reconhecer que o ardor missionário diminuiu entre nós nesses últimos anos. Igualmente é notável o fato de que em alguns frades e Entidades o imobilismo ameaça paralisar o dinamismo evangelizador. Em tudo isso não é secundário o peso de certas estruturas que nos impedem de sentir-nos livres no momento de partir para outras terras, ou no momento de iniciar novas presenças evangelizadoras mais em sintonia com as exigências de hoje. Com razão o Capítulo de 2009 nos convidava a *descentrar-nos de nós mesmos*, segundo o exemplo de Jesus Cristo (cf *Fl* 2,6-7), para *sermos menos auto-referenciais*, para preocupar-nos menos com a nossa própria sobrevivência, para superar a mentalidade provincialista e para crescer no senso de pertença à Ordem (cf. *PdE* 14.31). Estou sempre mais convicto sobre a necessidade do *redimensionamento das presenças* se queremos que as nossas Fraternidades sejam verdadeiramente *Fraternidades-sinal*, Fraternidades proféticas, e se queremos responder à nossa vocação missionária *ad gentes*, assim como a uma formação adequada, inicial e permanente, em perspectiva de missão evangelizadora. Torna-se, portanto, sempre mais necessária a docilidade ao Espírito, que sopra onde e quando quer, e nos impulsiona à missão, a sair ao encontro do outro para comunicar-lhe a Boa Nova. É urgente uma leitura atenta dos sinais dos tempos e dos lugares e deixar-nos interpelar por eles para encarnar-nos de fato e eficazmente na realidade sócio-cultural dos nossos povos e da nossa sociedade. Acima de tudo torna-se necessário cultivar uma fé e uma espiritualidade trinitárias.

Neste contexto devemos ser auto-críticos e perguntar-nos, como nos pede o Capítulo de 2009, “se o imobilismo e a instalação que ameaçam paralisar o



dinamismo evangelizador não estariam indicando uma crise de fé que atinge alguns de nós” (PdE 12). Só o Deus uno e trino nos conduz para fora de nós mesmos em direção ao encontro com o outro, com o diverso de nós (cf. Sfc 22). Não nos falta, por acaso, uma autêntica experiência de Deus? Somente “uma autêntica experiência de Deus, de fato, nos põe em movimento, porque não é possível sentir o abraço infinito de um Deus loucamente enamorado, porque é amor e só amor, sem sentir ao mesmo tempo a necessidade urgente de partilhar esta experiência com os outros” (PdE 11). Não será que estamos demais centrados sobre nós mesmos e não nos deixamos interpelar pelos fenômenos como a interculturalidade, a reivindicação e a defesa dos direitos humanos, a crise econômica, o desastre ambiental, e a pobreza espiritual e material que nos circunda? (cf PdE 14) Não será que estamos de costas para o devir do mundo, quando a nossa missão é exatamente a de acompanhar o nosso mundo, não como quem tem respostas para tudo, mas como *mendicantes de sentido* junto com os nossos contemporâneos? (cf. PdE 29, Sfc 6)

É Natal

Caros irmãos: é Natal. Fomos agraciados com um dom, o dom por excelência que provém do amor do Pai pela humanidade: “seu Filho bendito e glorioso que nos foi dado e que por nós nasceu” ((2Fi 11). Esta é a Boa Nova que recebemos como dom e da qual não somos proprietários e, portanto, devemos restituir: “o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” ((2Cel 15). O pai e irmão Francisco viu o Natal como um dom a ser restituído.

Levantai-vos, caminhai!

Sinto, caros irmãos, que o Senhor nos diz, ou mais ainda, nos grita: *Levantai-vos, ponde-vos em caminho!* Curai as feridas do vosso mundo, acompanhando, nos lugares de fratura, os vossos irmãos e irmãs em um projeto comum de paz e justiça, enraizado no Evangelho; e, segundo o exemplo do Filho de Deus, despojai-vos, assumi a condição dos homens e das mulheres do vosso tempo (cf. Fl 2,6-7), e, como o Apóstolo Paulo, fazei-vos tudo para todos, fazei tudo pelo Evangelho (cf. 1Cor 9,22-23).

Levantai-vos, caminhai! Cuidai da qualidade evangélica da vossa vida fraterna, na qual a vida de oração seja vivida como clara prioridade, se torne possível expressar e celebrar a alegria da vossa vocação e da vossa experiência de fé, haja um acompanhamento materno de uns com os outros, e onde os irmãos mantenham uma permanente atitude de discernimento.

Levantai-vos, caminhai! Acolhei o Evangelho na vossa vida, deixai-vos habitar por ele, e será o próprio Evangelho a mudar as vossas vidas, como mudou aquela de Francisco, transformando-vos em *evangelho vivo* (cf. PdE 5). Nutri-vos cotidianamente do Evangelho, para que a sede saciada se transforme em mensagem, como no caso da Samaritana (cf. Spc 17). Ide pelo mundo, em Fraternidade e a partir da Fraternidade, sempre em comunhão com a Igreja, e anunciai a todos que Jesus, Evangelho do Pai para a humanidade, manifestação do Deus amor, é nosso irmão, o Salvador da humanidade.

Levantai-vos, caminhai!
FELIZ NATAL A TODOS!

Roma, 8 de dezembro de 2009,
Solenidade da Imaculada Conceição,
Rainha e Mãe da OFM



Prot. 100409



Fr. José Rodríguez Carballo
Fr. José Rodríguez Carballo, ofm
Ministro geral